

PAULO MALÓ

Raízes de vinho

Médico dentista com o maior negócio mundial de saúde, por pegada geográfica, com presença em 22 países, Paulo Maló tem uma vida vivida em três países, mas com raízes que crescem mais profundas em Portugal. Raízes de vinha, em Pegões e em Azeitão, que cumprem um chamamento, mas, como tudo o resto que faz, nasceram já viradas para o mundo.

MANUEL RIFER

mrifer@jornaleconomico.pt

Em pleno processo de globalização, quando as fronteiras se esbatem – mesmo quando alguns tentam reerguer muros –, somos, cada vez mais, cidadãos do mundo. Numa vida de andarilho, somos de onde nascemos, do lugar onde moramos ou de onde passamos o tempo? Digo que somos de onde criamos raízes. Paulo Maló, médico dentista, empresário fundador da clínica que ostenta o seu nome, nasceu em Angola, viveu a adolescência na África do Sul, vive em Portugal. “Nasci em Angola, sou angolano e tenho muito orgulho em ser angolano; fui para a África do Sul numa altura crítica da vida e, depois, Portugal”, conta ao Jornal Económico, acrescentando, de seguida, que sente os três países como seus. “Tenho três países e não sinto que seja mais português do que angolano e mais angolano do que sul-africano. Não sinto as raízes, podia mudar facilmente de país”, afirma, explicando que, hoje em dia, na vida globalizada, passa a maior parte do tempo fora: “Eu, agora, praticamente vivo na Ásia; estou lá dez ou 12 dias, duas semanas por mês; as outras duas semanas dividem-se pelo continente americano e pelo europeu, incluindo Portugal”, conta. Mas foi em Portugal que se instalou para desenvolver os seus projetos. “Criei raízes aqui. Os meus filhos foram criados cá”, diz.

As raízes criadas, que vão mais longe do que a família, estendem-se às regiões de Pegões e Azeitão, onde Paulo Maló tem planta da vinha, Touriga Nacional, Syrah, Aragonez, Castelão, Cabernet Sauvignon e Alicante Bouschet, entre outras. “Sou filho de agricultores, portanto, a minha vocação natural seria a agricultura, a pecuária”, afirma, apontando que estas eram setores onde a família trabalhava, em Angola, antes da descolonização. “O meu pai era muito forte na agricultura e na pecuária. Portanto, se [a descolonização de] Angola não tivesse acontecido [da forma que aconteceu], eu seria veterinário, ou engenheiro agrónomo ou biólogo marinho, nunca na vida iria para medicina e muito menos para medicina dentária”, diz Maló. Mas acabou por chegar à terra. “Aos 33 ou 34 anos fui fazer o curso de jovem agricultor em Reguengos de Monsaraz. É uma coisa que não queria deixar de fazer”, justifica. Já tinha entrado na fruticultura e na pecuária:



Foto cedida

“Fazemos leitões e gado bovino; somos os maiores produtores do leitão bisaro e o maior criador em Portugal de gado marinho. Depois, tenho ovinos e o vinho”.

A relação com o vinho tem história na família, mas, nesta fase, iniciou-se há uma dúzia de anos. “Comecei por alugar duas herdades a outra pessoa, que tinha a vinha, começámos assim”, conta. “Melhorei a vinha; eles já faziam vinho, mas não era de alta qualidade. Fizemos a nossa marca, começou a correr bem. Contratei enólogos, melhorámos o vinho e, desde essa altura, já ganhámos dezenas de medalhas em concursos importantes”, sustenta. A última medalha, de ouro, foi arcaçada em julho, quando o moscatel da Malo Wines venceu a Grande Medalha de Ouro do Concurso Selezione del Sindaco, em Itália, um concurso mundial.

“Os vinhos tintos produzimos em Pegões”, diz Maló. Trata-se do Monte da Charca, que tem uma área total de 80 hectares, com 55 de vinha. “Os brancos, rosés, espumantes, moscatéis produzimos em Azeitão”, explica. Neste caso, estamos a falar da Quinta de Cattralvos, que tem 25 hectares de vinha, mas não só: tem uma adega moderna, apetrechada para a produção de 1,2 milhões de litros de vinhos, com 24 cubas de aço inoxidável para o fabrico e outras 51 para envelhecimento, também 400 barricas e uma adega para 300 mil garrafas.

O vinho das duas herdades já se vende em Portugal, mas o objetivo sempre foi internacional. “Quando me meti no vinho, seguramente que o projeto era para exportação; sem dúvida”, diz o empresário. E o facto é que a Malo Wines tem escritório e armazém no Japão, em Tóquio; tem escritório, armazém e uma loja na China, em Xangai; e estão a estudar a possibilidade de fazer vinho também na Austrália.

“Vendemos para uns 20 países. Para quem começou há dez ou 12 anos atrás é muito bom. Especialmente quando estamos a competir com empresas com 150 anos no mercado”, diz Maló. E está, também, em Angola, em Luanda, fechando assim um círculo: “Estamos a pensar produzir vinho também em Angola; o meu pai produzia lá vinho, no Namibe”, conta. “Em vez de estarmos a exportar tudo para lá, penso que podemos concentrar-nos em produções específicas, como os moscatéis e vinhos de gama mais alta, mas acho que conseguimos produzir lá vinho de mesa, tinto e branco”, acrescenta. ●